

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

Café du Départ

Américo Guerreiro de Sousa

A humanidade divide-se orgulhosamente em dois grupos principais: o daqueles que amam Paris e o dos que juram por Londres. Em torno das duas cidades já houve desacatos, grandes discussões e mesmo troca de tabefes. Porque a paixão que qualquer dessas capitais desperta pode ser perigosa, sobretudo quando os seus devotos já beberam além da justa medida.

Eu pertencia, nesse tempo, ao grupo mais restrito, mas não menos entusiástico, dos que preferiam uma terceira cidade, um grupo, que gostava de vaguear sozinho por esse mundo de Cristo e apreciava sobretudo a bela ruína, a reminiscência clássica. Comparado com os dois grupos anteriores, o meu podia considerar-se o dos intelectuais, verdadeiros ou pretensos, o dos poetas românticos, com ou sem versos, e, infelizmente, também o dos *snoobs*. Para mim, nem Paris nem Londres, Roma é que era. Mas, lá bem no fundo, do que eu sentia verdadeiramente a falta era da minha ensolarada Lisboa e dos seus bairros antigos, com cheiro a sardinha assada, gritos de mães berrando com os filhos traquinas e tudo o mais, incluindo, pelas manhãs frescas, alguma guitarra acompanhando voz de fado castiço. Talvez esta preferência pelo meu modestíssimo beco natal lhe faça a si, Madeleine, perdoar-me a traição de colocar Roma acima da sua idolatrada Paris nas minhas prioridades de viajante modesto. Não me pergunte a razão por que, já nesse tempo, eu tinha de ser diferente do resto do mundo. Nem eu o saberia explicar, mas julgo que apenas por espírito de contradição. Acabara de fazer dezoito anos, e talvez isto explique e me perdoe todas as idiossincrasias.

De modo que quando, no outono de 1968, tem graça que neste mesmo Café du Départ, Place de Saint Michel, *n'est-ce pas?*, você me perguntou por que tencionava trocar Lisboa por Paris se eu detestava a França, julguei detetar-lhe um despeito na voz que

me pareceu quase incompreensível. É certo que você não se sentia muito confortável com o calor que fazia essa tarde, já se irritara com o empregado por se ter enganado na bebida que lhe pedira, enfim, não estava nos seus melhores dias. Você morava na Rua Cujas, mas era neste café-restaurant que nos encontrávamos a maioria das vezes. A si convinha-lhe o sítio por não ser longe da sua casa; a mim o local do encontro não fazia grande diferença, apesar do preço exorbitante que estes exploradores de turistas cobram pelo chocolate quente. Mas este café tinha a vantagem de, sendo perto do Sena, permitir uma volta pelos *bouquinistes* ou ir ver passar as barcas, se do nosso encontro mais não resultava do que o amuo frequente de dois jovens, pouco mais do que adolescentes, que começavam a apaixonar-se um pelo outro, sabendo antecipadamente, porque até aí chegara a nossa intuição, que esta seria uma história sem futuro. Tínhamos *backgrounds*, feitos e tendências muito diversos, e portanto estávamos sujeitos a discussões frequentes.

Eis-nos nesse dia à beira de um desses arrufos que nos estragariam pelo menos a tarde. Para espairar a irritação que me provocara um qualquer dos seus ditos, olhei a praça, cheirei um sopro do rio que me chegou envolto no odor abafado das viaturas. Procurei refugiar-me em pensamentos de largo e ative-me àquilo que estava mais perto, o Sena. Gostava muito dos barcos do Sena, mas talvez gostasse mais ainda dos seus belos nomes: os *bateaux-mouches*, as *péniches*, os *esprits yachts* como aquele, todo envidraçado, climatizado e equipado com um *pont soleil* onde um dia você, lisonjeada pelo meu fascínio da água descendo, quis à viva força oferecer-me o aperitivo, apesar de a sua bolsa, nesse outono em que decidira prescindir da ajuda dos seus pais, não estar muito mais abonada do que a minha. Não mais esqueci esse seu gesto encantador, querer pagar-me um Martini seco na .como se chamava ela? Ah sim, *Péniche Evasion*, ora aí está, bela memória tem você ainda, Madeleine. E que nomes tão sugestivos para um horizonte que todo se abria em flor, refiro-me tanto ao seu nome proustiano como ao nome do barco, que é real. Mas onde ía eu?

De modo que quando você me perguntou por que me queria exilar de Portugal se não gostava da França, havia despeito e um certo rancor na sua voz. Era uma pergunta inesperada para quem acabara de se declarar há pouco “une femme de gauche”, sabendo decerto que qualquer Português que fizesse vinte anos e não fugisse depressinha do país corria o risco de ir parar com os ossos a África. Por outro lado, e não querendo aprofundar muito o assunto, Paris não é o mesmo que a França, e nunca lhe dissera que não amava o seu país, nem muito menos a sua capital, embora, a esse respeito, eu nunca tivesse sido de grandes efusões. Não bastava já abrir os pulmões com deleite aos eflúvios do rio, pelas manhãs frescas, e saudar os pores-do-sol do alto de Montmartre como se fossem os últimos das nossas vidas, e ficar depois, calado, imerso na imensa nostalgia que me dava o grande horizonte visto da sua casa, sobre os telhados sujos do imenso casario? Que mais era preciso para render homenagem à sua cidade sem par? Oriunda de Bezançon, patriota ao modo único dos franceses, incapazes de conceberem não ser o seu país um modelo de civilização para todos os outros (nunca conheci nenhum seu compatriota que, sobretudo viajando no estrangeiro, não pronuncie a palavra França menos de três vezes por minuto), você não concebia que um Portuguesito de Lisboa não idolatrasse Paris acima de todas as coisas, essa cidade de que você era tão orgulhosa e que me soube mostrar tão bem. Recente professora de Geografia num *lycée* não muito longe deste café, a sua ambição desse tempo era, imagine-se, tornar-se guia de turistas. Cinco anos mais novo do que você, eu aparentava ser para si uma boa cobaia nesse seu intuito profissional, tanto mais que, fora dos meus maus momentos, que também os tinha, eu era de temperamento assaz submisso, ao contrário de si, toda fogo e revolta. Anarquista de data recente, não me perdoava que zombasse ao recordar como o general De Gaulle, só com o seu ar de velha águia teimosa e um discurso duro na televisão, pôs fim, de um dia para o outro, ao grande espírito revolucionário desse famoso mês de Maio. E desculpe se ainda hoje eu arrisco entornar a água do copo por cima da sua bela blusa de seda

lilás, assim a abaná-lo tanto com as convulsões do meu riso, mas aquilo foi tão cómico, ver na manhã seguinte ao discurso entre paternal e ameaçador do Presidente todo o francês e toda a francesa tomando o metro disciplinadamente para o emprego, com aquele ar embaraçado de colegial apanhado em falta, greves terminadas, acabou a festa, meninos e meninas, daqui a uns anos a gente, isto é, os nossos netos repetirão a façanha, e farão uma revoluçãozinha semelhante, nada como uma boa festa nas ruas.

Ah, falava-lhe das razões da minha admiração pela sua animosidade, na sua voz e no seu olhar claro de criança mimada — a única nota duma certa pureza infantil que conservou através dos anos - pois era isso e não outra coisa o seu despeito por eu, já nesse tempo, ironizar muito por acreditar em tão pouco. Em maio de 1968, quando nos conhecemos, eu tinha apenas, como lhe disse, dezoito anos. Mas, amante de leituras, nascido já com um grosso volume de História na cabeça, sabia antecipadamente no que costumam dar as movimentações de rua sem controlo majestático, digamos assim. Além disso era realmente um pequeno burguês na minha formação ideológica-burguês, palavra de que ao tempo se abusava, tão céptico das vossas revoluções como das nossas e das outras todas. No fundo, eu via e previa um paralelismo fatal entre o vosso Maio célebre e o nosso 25 de Abril a haver, se me permite a mistura de tempos, agora que me é possível pôr ambos os eventos no mesmo saco e efabular um pouco sobre as minhas intuições da época: ambos teriam de fracassar.

Dizia você que, com estas admiráveis qualidades, mais a insuspeitada capacidade de adivinhar, me deveria sentir bem no país de onde vinha, o país dos milagres de Fátima, das procissões para fazer chuva, “o país de Salazar”. Esta frase tinha na sua boca dois séculos de revolução francesa mal contados e não sei quantos anos de menoscabo por Portugal, provinciana colónia cultural do seu país durante muito tempo, depois da dependência política sob a pata napoleónica, coartada embora pelos esforços dos nossos amigos ingleses, que também acabaram por comer uma bela fatia desse torrão “à

beira mar plantado”, o único Camões que você sabia citar, na sua engraçada pronúncia. Claro que não me sentia bem no país de Salazar e não seria apenas pelo peso da ditadura. Muito do meu desconforto tinha a ver comigo e resultava tão só do descontentamento de mim mesmo, do meu umbigo. Mas a parte política existia, mesmo assim, e sempre foi a mais fácil de explicar. Quanto à razão para o exílio mais óbvia, a fuga ao serviço militar, não era a que mais me preocupava: ainda faltava algum tempo para correr esse risco e, por outro lado, o desejo de mudar de ares tornara-se tão premente, tão obsessivo, que mesmo a África me pareceria mal menor, comparado com o sufoco da vida em Portugal.

Expliquei-lhe portanto, nesse dia, o que era o Portugal de então. Disse-lho com acrimónia, com raiva até, embora lhe tivesse falado também das minhas incríveis saudades do Castelo de São Jorge e do bairro circundante onde nasci e brinquei, ali nas espaldas do Castelo Mágico. Afiancei-lhe que na realidade eu não detestava nem Paris nem a França, não detestava nada. Sentia-me apenas demasiado cansado, a despeito da minha tenra idade, para sentimentos fortes em relação a tudo o que não fosse eu, o meu umbigo, o tal umbigo que agora ando a ver se decifro com a sua ajuda. Derradeira crise da adolescência, diz você? Não lhe chamaria derradeira, mas aceito o diagnóstico. Estava num período de depressão, uma depressãozinha feita de tédio e desamor por tudo. Tinha acabado de entrar na Universidade, a tirar Germânicas, e aquele curso de Letras parecia-me uma enorme perda de tempo. Tempo para quê não o sabia, e essa ignorância do meu objectivo na vida era o que mais me oprimia. De modo que encontrar o seu sorriso no oceano do meu desafeto geral, começou por ser bem refrescante. Posso garantir-lhe que gostei de si logo à primeira vista, um desejo físico, a vontade imediata de saborear um gelado apetitoso em dia de calor.

Vá lá, não se ofenda com a comparação, sabe que eu adoro gelados, na realidade o símile pretende ser lisonjeiro, que há de melhor do que um bom gelado quando se tem sede? E você era um belo ge-

lado, acredite. Aceito no entanto que compará-la a um gelado é talvez algo fescenino, aliás pouco rigoroso, pois lá ardente é você, mas como fugir a essas frases simples sem as tornar banais e ridículas? Eu gostava de si mais de que alguma vez ousei confessar-lhe, e gostando de si, uma bela mulher loira, bem francesa, superficial mas com pretensões a filósofa, *snob* aspirando à simplicidade cruel e no entanto capaz da maior solidariedade com os povos oprimidos, as raças abandonadas, os pobres. Natural que, amando-a como a amava, também tivesse um fraco pelo seu país, pois assim é o homem: uma bela mulher valoriza muito o seu entorno. Até a pátria, conceito cujo valor já nesse tempo me parecia um tanto caduco e hoje me começa a parecer francamente duvidoso, quando penso no papel das fronteiras no sofrimento de tantos deserdados da terra à procura de um local para trabalhar e viver, longe dos seus horríveis lugares de origem onde só existe fome, doença e morte, até uma pátria, coisa abstracta e bastante illusória se não inteiramente irreal, adquire um peso específico, um vulto, um certo encanto quando se ama alguém seu natural.

Sendo assim, como explicar as nossas frequentes discussões, os nossos arrufos, a vontade de tudo acabar? As discussões começavam, muitas vezes, por resultar da graça que me dava considerar-se você uma anarquista devota, em perfeito contraste com a sua aparência de menina bem vestida e bem tratada, confortável num meio que lhe dava tudo o que é preciso para viver contente, e você vivia contente, como atestava o tom dourado da sua pele bem cuidada, no princípio desse outono ventoso e frio. Aposto que tinha passado o verão em Saint Tropez, com os pais ricos a sustentá-la, despedindo-se em beleza de uma vida de menina bem, antes de entrar no mercado de trabalho, onde aspirava de facto à independência. Já não me lembro é se Saint Tropez ainda estaria por essa altura na moda, depois da associação à Françoise Sagan do *Bonjour Tristesse* e seus escândalos, mais imaginários do que reais, diga-se de passagem, sobretudo se vistos com os olhos de hoje.

Mas dinheiro e snobismo realmente não lhe faltavam, quando a conheci nesse Maio de 68. Estava você prestes a iniciar a sua futura

actividade de professora do liceu, mas dir-se-ia que o seu futuro seria, antes, embaixatriz ou pelo menos uma jornalista de revista de luxo, tal era o seu aspecto de fina parisiense vestida à *lapage*. A revolução surgira-lhe na vida como o condimento emotivo para o seu tédio ancestral, uma forma de espanejar o espírito. Do que bem me lembro é de que você desapareceu sem aviso nem notícias durante três semanas, no início de Agosto, e quando finalmente nos encontrámos de novo vinha bem bronzada e com um halo tão sedutor que me deu vontade de lhe fugir, porque me senti tão pálido, tão magro, tão olheirento, uma verdadeira insignificância a seu lado. Era isso tudo e mais o meu ciúme por achar que quem você adorava era o Cohen Bendit, o Santo Bendito, como eu lhe chamava com mal disfarçado rancor ciumento. Não? É muito gentil em protestar, mas se o que digo não fosse verdade já você teria, durante estes anos que nos separam do Maio de 68, ido a Portugal dezenas de vezes, uma no verão e outra na Páscoa de cada ano, pelo menos, e conheceria o Castelo de São Jorge e as ruelas estreitas e íngremes do bairro onde nasci, e toda a história, arquitetura e geografia de Portugal tão bem como eu. Não foi a Portugal mas foi à Turquia, foi à Grécia, adorou Malta, e foi à Polónia, ao Paquistão e até a Goa, ver se aquilo se tinha realmente transformado na terra prometida dos *hippies*, como constava. Mas que eu saiba, nunca foi de facto a Portugal, o que, se quer que lhe diga, fez você muito bem: essa inesperada lacuna numa professora de Geografia e numa mulher tão amiga de viajar talvez lhe tivesse sido benéfica ao conservar-lhe intacta a boa imagem que, pelos vistos e apesar de tudo, conserva ainda do meu país, impressão que lhe ficou pela forma magnífica como fizemos a Revolução de Abril.

A Revolução de Abril foi um hino à liberdade? Diz bem, um hino à liberdade e à vida, à poesia da vida sem polícia política nem ditadura. A Revolução dos Cravos, que maravilha! Quando me exaspero com os meus compatriotas mais lerdos busco sempre na memória esse admirável evento e a forma sublime como ensinámos ao mundo a técnica de fazer uma revolução moderna a preceito, sem guilho-

tina, sem execuções, quase sem violência, ainda que com algumas prisões e vários exílios. Se visitasse o meu país, antes do 25 de Abril, você deixaria de me admirar o garbo, não há quadro que resista a um caixilho barato, e desculpe a imodéstia do belo perfil, mas não, não é vaidade idiota, é simples ironia.

Dizia-lhe eu que quando, uns anos antes do famoso Abril, no outono de 1968, você me perguntou por que tinha fugido de Portugal, eu respondi-lhe, sério para variar, que detestava buracos, e Portugal era isso, um buraco sujo com cheiro a creolina. As pessoas moviam-se numa lentidão exasperante, com uma espécie de falta de ar ou de vontade de o respirar. As crianças aprendiam a doutrina do céu, purgatório ou inferno para quem nesta vida não se portasse bem, e Portugal era grande, maior talvez do que a Europa toda junta, se se reunissem num mesmo mapa as colónias portuguesas espalhadas por esse mundo vasto. Disse colónias mas chamavam-se províncias, *lapsus lingua* e perdoável a quem conviveu durante tantos anos com jóias linguísticas desse quilate. A alienação foi tão grande que até a língua se me dobrou ao pronunciar palavra tão feia. Colónia, que horror. Éramos tão grandes como dois ou três desertos do Sara, só nos faltava o petróleo. Estava toda a gente morta e os que detinham o poder fingiam-se apressados e muito ocupados e estavam sempre em reunião, mania nacional que ainda perdura, mas há realmente que manter um certo ar de importância. Alguns jovens deixavam crescer o cabelo para que os vizinhos se rissem alvarmente e parecessem apenas animais idiotas e não descendentes encartados dos velhos inquisidores. Eu próprio andei de trunfa durante alguns anos, mas hoje vejo que isso era apenas o meu velho horror de ir ao barbeiro. Portugal era de facto um buraco escuro e pestífero com muito tipo de moscas alimentando-se em toda a espécie de monturos e alguns zângãos ricos que viviam bem, ainda que cheios de tédio. Metiam-se nos carros de luxo e lá passavam o tempo. Quando algum deles calcava a rua buzinando claretim sentia-se nitidamente o cheiro a refogado e a dormidas espapaçadas em noites quentes.

Porque os zângãos raramente largavam o Mercedes, fazia parte da pose deles. Aí cozinhavam discursos e mais besuntadelas e do tubo de escape dos mais bonitos saíam, às vezes, rosas para todos, como no caso exemplar da Rainha Isabel, que qualquer criança portuguesa, por mais inculta, conhece. Os *sans-cullotes* precipitavam-se então para apanhar as rosas e, se um ou outro ficava esborrachado nas rodas das viaturas dos zângãos, isso não tinha importância, significava um *sans-culotte* a menos, como em tantos países da África ainda hoje, tem toda a razão. Eu dizia que significava uma *culotte* a menos para um *sans-cullote* e tudo vogava às mil maravilhas.

País vendido aos turistas. De dia ainda havia o sol, apregoado em *posters* pela Empresa dos Caça-Papa1vos — que o Abril é bonito em Portugal (tem dias.), e os mortos lá se iam distraíndo apanhando borboletas. Mas à noite, oh, à noite, as casas fechavam-se sobre o nosso cadáver, as paredes estreitavam-se até ao grito e sentia-se nas ruas o cheiro das gargantas sufocadas, e por vezes das janelas saía música, as crianças choravam longamente, os pais sentiam-se pais até morrerem de pura paternidade, as mulheres abriam as pernas para se distraírem com os seus homens naqueles dias sem fim nem princípio, tão iguais como a face eterna do Deus que nos regia implacável por cima das nuvens, pintado pelas mãos desses zângãos de que lhe falei, tão tristes como uma criança solitária sentada nos degraus duma velha igreja vazia, tão desesperantes como eu estar para aqui a falar ainda e a frio desse mundo já tão longínquo donde toda a vida fugira.

Mas agora calo-me porque quero beber esta bica em silêncio, saborear o meu copo de água vendo lá ao fundo aquela barcaça cheia de turistas passeando no Sena. Talvez eu descubra a *Arte de Cavalgar Toda a Sela*, primeira edição, num daqueles *bouquinistes* de que você tanto fala e gosta de ouvir falar, sem que no entanto, segundo diz, consiga descobrir o que há de importante num livro velho, porque você mudou, passou a ser despidoradamente cartesiana, anti-saudosista, tão racional como uma lapa movendo-se a horas certas na área

restrita da pedra que lhe pertence. Calo-me porque reconheço agora que, depois desta conversa toda, não lhe disse nada daquilo que era verdadeiramente importante para mim e que me fazia tanta falta e eu não podia encontrar em Portugal, como também não encontrei em França e, mesmo que não me tivesse cansado de viajar, certamente não encontraria em qualquer parte do mundo, essa coisa importante e indescritível, ou talvez eu não a conheça exactamente e seja preferível calar-me. E calo-me porque há em mim uma espécie de pudor que me levava nessa altura a ocultar dos outros e de mim próprio o motivo do meu descontentamento e que era a principal razão por que viajava tanto. Agora calmamente, embora com aquela imprecisão das palavras humanas, digo-lhe: no fundo eu estava-me nas tintas para o salazarismo, sempre pensei que, se fosse pobre, assaltaria um banco ou esfolaria um rico, e que não há regime político que possa realmente explicar a infelicidade das pessoas. Simples desculpa para a incapacidade, um regime político. O crime é uma virtude e um valor nos países em que não haja liberdade. Quer isto dizer que estou a ser contraditório, que estou prestes a defender um certo terrorismo, que no fundo sou um revolucionário autêntico como dantes se definia, isto é, um homem que sabe que um homem não é apenas uma barriga e uma necessidade de segurança, mas um bem e sobretudo uma necessidade de liberdade sem fim, mesmo que esta seja conquistada graças ao extermínio das códigos. Mas não pense que para mim justiça é a ditada pelos homens. Eu acredito numa justiça que derive do indivíduo, e que não possa ser coartada pelas leis, acredito na liberdade plena, seja lá isso o que for. Eu sou um caso perdido, agrada-me dizer, para compensar que o mundo é demasiado pequeno para o meu feitio, e desagrada-me até às lágrimas dizer-lhe que toda a vida tenho tentado lutar contra este instinto de conservação, de adaptação, que faz de mim — mas eu ainda confio no futuro — um ser bem comportado excepto quando não posso mais.

Nesse tempo houve um dia em que não pude mais com a prisão sufocante que era Portugal. Que não tivesse encontrado em França,

onde havia uma revolução no ar, mais liberdade ou mais esperança do que no meu país onde o salazarismo ia aliás morrendo, ao contrário do seu onde a democracia se tornava uma mulher adulta, é o meu problema inexplicável, mas isso também não me interessaria agora explicar-lho, desculpe-me a franqueza.

Mas voltemos ao 25 de Abril, aquilo que ainda hoje mais nos interessa recordar. Ah, o 25 de Abril. Não alterou grandemente a rotina quotidiana da maioria das pessoas, sobretudo das mais humildes, embora tivesse afetado, e não pouco, as vidas de uma minoria possidente, a que teve de se exilar, por exemplo. Alguns dos meus compatriotas nem se aperceberam muito das mudanças que aí vinham. Pergunte a um pastor das montanhas de Trás-os-Montes o que lhe disse o 25 de Abril. Nada, absolutamente nada. E muitos outros houve que não se dignaram prestar muita atenção aos acontecimentos que diariamente iam enchendo os jornais com notícias frescas, por vezes escaldantes: o discurso de demissão do Spínola, a sua fuga posterior, em Março de 1975, para o Brasil, as sucessivas quedas de ministérios, a cada vez maior ameaça de subversão de forças demasiado obscuras para que fossem tomadas simplesmente como manifestações de esquerdas demasiado juvenis, demasiado exaltadas no seu súbito despertar para a liberdade e a vida para poderem ser tomadas a sério pela maioria prudente e conservadora da Nação. E no entanto, que festa! Eu estava lá por acaso, semi-clandestino, de qualquer modo incógnito, para não ser preso como refractário pois, como sabe, no verão de 1968 escapara-me do serviço militar e viera refugiar-me no seu belo país, diria mesmo, debaixo das suas saias, e desde aí a minha vida era um permanente viajar por esse mundo. O 25 de Abril deu-se no intervalo de uma das minhas dezenas de viagens, numa altura em que, mais uma vez uma boa amiga, me dera o favor do refúgio da sua casa e, por assim dizer, do seu seio. Eu estava lá e vi - a frase mais dramática, solene e repetida que pronunciaram as bocas dos homens e mulheres meus contemporâneos. E vi desde a primeira hora do pri-

meio dia até que o cansaço e a desilusão me fizeram deixar de ver, primeiro, e voltar mesmo as costas e ignorar, quando a descrença se instalou definitivamente.

Formavam-se grupos de curiosos, no Rossio, no Carmo, em frente ao quartel da Guarda Nacional Republicana, um pouco por todo o lado onde surdiam militares de barba por fazer e cara de quem não tinha tomado o pequeno almoço, e assistiam meio divertidos, meio incrédulos ao desfilar ensonado dos pesados tanques pelo empedrado das ruas estreitas. Houvera um assomo de golpe anterior, poucos dias antes, ninguém acreditava em revoluções em Portugal. Se aqueles militares a fizeram foi, não há que negá-lo, porque estavam fartos de andar com a casa às costas, da Metrópole para o Ultramar e vice-versa, fartos de serem corneados pelas mulheres, quando estavam longe delas, e o mesmo se diga quando voltavam a estar juntos, que a vida de guerrilha, sobretudo enquanto se espera ou se está colocado em centros urbanos, dá para muito tédio e muita aventura, entre jovens, homens ou mulheres. Havia também a questão das promoções, claro, miliciano passar à frente de homem do quadro, que desaforo, a isso, no entanto, obrigava a carência de pessoal formado na Academia Militar. É o aspecto menos nobre da coisa, mas não se pode escondê-lo, nada se deve ocultar na História, pois só a verdade é revolucionária, frase muito repetida na época.

Mais bonito do que o 25 de Abril foi o 1º de Maio. Eu contei—lhe, escrevi—lhe uma longa carta emocionada que terminei em pranto, embora nunca lhe revelasse esse pequeno detalhe. Porque em Portugal um homem só chora escondido na retrete e mesmo escondido tem vergonha dessa fraqueza. O 1º de Maio foi de facto uma grande festa, e não vale a pena a comparação com a vossa *Libération*, cada povo tem os seus Natais incomparáveis. O português tem alguma tendência para a melancolia, e quando a vidinha é inundada por alguma inesperada e rara alegria não existe espectáculo mais lindo no mundo.

Saí de manhã, ainda céptico com aquela história do golpe dos militares, mas logo vi que o povo se apossara da rua, apesar dos apelos

repetidos para que ficasse em casa, e concluí que o movimento era irreversível. Tive mesmo a ilusão de que o povo pudesse tomar conta da situação, esquecido de que o povo é apenas um chavão usado para uso dos caça—moscas, tanto da direita como da esquerda, duas designações que hoje perderam todo o sentido, quero crer. Mas deixe-me recordar-lhe o que lhe escrevi nessa altura, porque aquilo só visto, a alegria das multidões, a cortesia dos polícias de cravo na lapela, o júbilo de toda a gente porque julgávamos que tínhamos recuperado a liberdade, a única palavra deste mundo que ainda hoje me faz suportar todos os inconvenientes e me alegra e me condena à solidão. Eu acreditei, como muitos, que se tudo corresse bem, em pouco tempo Portugal saltaria o fosso que o separava dos países mais desenvolvidos da Europa. Como era ingénuo! Mas quando pensava isso, eu não pensava no fosso económico, pensava no fosso da dignidade, o único fosso verdadeiramente importante, porque a pobreza não tem de ser um defeito, e entre uma criança pobre do Bairro do Castelo e uma criança rica dos Champs Elisées, talvez seja melhor perguntar-lhes quem é que foi mais feliz, para ter a certeza. Nada pode superar a alegria dos convívios e dos jogos na rua quando se é menino saudável, dou-lhe eu essa achega para o debate.

Mas foi de facto uma Revolução única, feita com uma organização impecável e como sabe com flores nos canos das espingardas. Não foi preciso disparar muitos tiros, e aqueles que se dispararam saíram naturalmente da culatra e foram imediatamente perdoados e esquecidos. A vontade, a serenidade e autoconfiança das forças armadas e do povo destruíram em poucas horas a organização apodrecida daquilo a que chamávamos, um tanto exageradamente, o fascismo, que não o era exactamente, sendo contudo suficientemente mau para não precisar de labéus menos rigorosos, e viram—se ministros a fugir por buracos na parede, Marcelo e Tomás colocados num avião e enviados para a Madeira, a Pide destruída e quase linchada pelo Povo. Só visto, realmente. Eu vi e ainda sonho com isso. Eu chorei nas ruas, eu gritei os mais incríveis *slogans porque toda a gente*

os gritava, uma grande alegria inundou—me o peito, e posso—lhe dizer isto, eu senti, pela primeira e única vez na vida, que agora valia a pena viver, que a vida tinha um sentido. Não era exaltação de momento, ilusão romântica. Era a descoberta de que o sentido único da existência de um homem é trabalhar para a colectividade, como o sabem as formigas, é reconstruir constantemente o mundo. Acreditei que a respiração colectiva era possível e que a vida tinha um sentido geral. Acreditei no Povo, nesse maravilhoso povo que fazia uma Revolução distribuindo flores e uma grande, uma enorme serenidade, uma calma impressionantes — como alguém que dormiu o suficiente e acordou repousado e pronto para o trabalho. Tudo me parecia modificado naquele país e nada parecia poder voltar atrás. Ninguém poderia vencer este povo que, pelo menos durante uma semana, viveu como sobre uma nuvem de júbilo, que conheceu a liberdade a nascer da casca, que acreditou nela como uma galinha acredita no seu pinto. Eu conheci essa ideia enorme da liberdade, e conheci a gentileza do povo mais melancólico da Europa (a frase *les portugais sont toujours gaisé* das menos verdadeiras), conheci o significado da expressão amor do próximo, solidariedade. Engraçado como as grandes movimentações de massas trazem agregadas a si palavras e frases: a mais célebre em Portugal foi o *Povo Unido Jamais Será Vencido*, importada talvez do Chile de Salvador Allende, e como não recordar as russas *Perestroika* e *Glasnost*, ou a polaca *Soiidarno* . Claro que a mais famosa foi a *Liberté, Égalité, Fraternité* da vossa famosa revolução, a mãe de todas as revoluções, frase esta que nos transporta para uma das personagens históricas da nossa contemporaneidade, o triste, famigerado e infeliz Sadam Hussein, com a sua célebre saída da *Mãe de Todas as Guerras*. Liberdade, gentileza e amor pelo semelhante, eram essas as palavras que bailavam em todos os corações. E a Revolução de 25 de Abril de 1974 foi a primeira revolução *hippie* do mundo, no que o ideal *hippie* desses anos em que eu não perdera de vista a adolescência teve para mim de fascínio: a liberdade, a inconvenção, o cabelo comprido.

O pior foi depois, o roubo da alegria pelas habituais monstruosidades. As reuniões estrategicamente controladas para obterem determinados efeitos por indivíduos que se diziam revolucionários mas eram apenas manipuladores de massas e batoteiros, os discursos ocos, a argumentação sem fundamentos, o comportamento irresponsável, a ignorância impante. Como dizia um patrão que eu tive, o mais importante não são as rosas, e a forma improvisada e irresponsável como foram tomadas decisões de enormes consequências para a economia e a vida do país tornaram a imagem dos cravos nos canos das espingardas, a banalização dessas adoráveis flores singelas e do seu símbolo insuportáveis aos espíritos mais críticos. A liberdade pode ser uma masmorra tão odiosa quanto a tirania, quando é abusada. Apenas no sentido exacto das proporções reside o caminho para melhorar os humanos destinos, mas nesse tempo a famosa liberdade era apenas uma música tonitruante e embriagada de ruídos infernais, inundadas as rádios e as televisões de um parlapatar, um filosofar, um psicologar entontecido e impune, e viram-se belos seres humanos de cravos na lapela que tinham desistido da sua independência de juízo, silenciados pela pressão intolerável de uma opinião sectária que perdera o norte e o critério. Exalto-me ao recordar o pior desse tempo, tem razão, volte a cabeça, feche os olhos para não ver a minha máscara de raiva. Mas deixe-me falar, dizer tudo aquilo que nunca ousei dizer por respeito humano e cobardia social ou política. Não faça caso se deliro um pouco, sempre fui de extremos quando a minha apatia se dissipa. O homem é e sempre será um ser imprevisível, um ser tecnocratizado, um ser pantragicado por sucessivos escalonamentos de ideias em devir permanente. Seja como for, do mal o menos e da combustão a que fizer menos fumo. Saiba—se viver até ao fim e conserve—se o ar de quem ainda espera e acredita. Compreendeu este bocadinho? Não. Tenha paciência. Mas era assim que se discutia e concluía em certos meios, sobretudo nas esquerdas mais finamente culturais.

Diz você que decerto exagero, e diz bem. Mas tudo aquilo foi delirante. Houve um período, no verão de 1975, em que possuído

do maior proselitismo, eu almoçava às cinco horas da tarde um breve sanduíche e de longe dizia um adeus subtilíssimo a tudo aquilo que me afastasse dos meus deveres de alfabetizador público, porque também eu, imagine, também eu me metera a revolucionário e educador das massas. Sempre apressado, cheio da importância da minha nobre missão, convicto do meu papel, nunca me senti mais orgulhoso e útil. Compreendia a importância de estar ali. Tanta gente à minha volta, como podia sentir-me tão sozinho? Eu queixara—me do mundo morto e do choro das crianças com fome, mas que fizera para alterar a situação? E foi essa a única altura em que pensei em si, no seu entusiasmo revolucionário do Maio de 68, e compreendi—a tão bem, olhe, julgo que a amei verdadeiramente à distância, sem você saber nada disto, amei a recordação de si como anarquista que fora, já que a realidade contemporânea da sua pessoa me dizia antes que não passava de uma burguesa rica bem intencionada como tantas “femmes de gauche” desse tempo. Sim, como adolescente eu limitara-me a encaixotar as fraldas e ala, que aí vai ele, à procura dum raio de sol na água dum copo e, nesse frigorífico, safar-me à tropa e sobretudo à África, à guerra possível. Tanta inocência, tanta alma junta, tanta lágrima ao canto do olho, tanta chuva na alma, e tudo por causa do meu umbigo, da minha autopiedade, tudo por causa de mim, homem só por gosto e por desgosto, ainda hoje não consigo distinguir, um homem sem importância e ainda por cima curto de vistas, silenciado pela força dos exércitos e das polícias, e da sua própria incapacidade para falar. Revoltado esbofeteei—me e aproveitei com ambas as mãos a magnífica revolução que passava.

Era o tempo em que as ruas de Lisboa e de outras cidades se esvaziavam e um milhão de pessoas que saía para fora, ia simplesmente de férias de verão. Reinava assim um silêncio que, como todos os totalitarismos, roçava pelo magnífico. De vozes só o tonitruar de metralhadoras lá longe na floresta estrangeira. Mas às vezes, no cair da tarde, quando a alma fica presa à cabeça unicamente por um cordel, no silêncio da rua do Madrigal eu ouvia o som dulcíssimo da voz

de alguém que já não chama. Era a sua voz, a sua voz que deixara de me falar. Levada para o ignoto de um casamento há muito anunciado mas que eu sempre me recusara a acreditar, de tal modo me parecia o matrimónio incompatível com a sua alma de anarquista convencional. Na maré confusa da vida, a sua pessoa desligara-se subitamente da minha existência. Soube-o por um telegrama seu em que havia três erros de ortografia numa curta frase de menos de dez palavras. *Marriage dimange le sair je pense bises a toi*. Desculpo com a pressa de quem precisa de ir tratar das mil coisas urgentes e graves do casamento o *dimange* e o *sair*, será talvez *soir*, mas ao *à* de *toi* nunca você lhe pôs o acento, estivesse ou não apressada. E aí está como uma mulher culta uma “femme de gauche” do mais erudito, com diploma de professora de geografia e tudo, comete destas faltas capazes de diminuir a estatura à mais sublime das personagens. Quanto ao convencionalismo e ao lirismo lusitano de que me acusa, com esse seu ar de Cassandra irónica, diziam—me as palavras que me ensinaram ao entendimento que me deram que este meu lirismo lusitano há de sempre ouvir canções nos locais mais remotos do universo. Mas não eram canções, nem era lusitanismo essa sua despedida em forma de luto. Telegrama para mim, como para muitos portugueses, sempre esteve associado a anúncio de morte e enterro, embora também pudesse ser a aniversário ou a coisa desse jaez. Aquele seu telegrama representava para mim outra coisa, claro, muito mais confusa e diáfana e subtil. Mas era também um toque a finados, o toque a silêncio, a separação definitiva, a ausência para sempre. E era também, vá-se lá saber porquê, o toque-toque do burrinho duma qualquer aldeia longínqua, daquela que nunca tive, pois, como sabe, nasci em Lisboa. Era uma mistura de imagens e ideias de inenarrável solidão. Pela primeira vez, eu compreendia, e isto no meio de uma ardente revolução cujos ideais eu comungava com o maior fervor, compreendia que o único drama que profundamente pode atingir um homem não é a glória ou a desgraça de um movimento de massas mais ou menos heróico, mas a grande dor, a autêntica tragédia é uma semi-analfabeta incapaz de

escrever dimanche correctamente anunciar a um homem que, a partir daquela tarde não poderão mais ver-se, tocar-se, insultar-se, porque haverá sempre pendente sobre as cabeças recíprocas o labéu de uma palavra em letras garrafais, a palavra TRAIÇÃO. Sim, porque você acabara de me anunciar que me atraíçoa, e me atraíçoa para sempre. Traíra-me no que mais sagrado eu tinha de mim: a imagem de um ser estampado a ferrete indelével no seu espírito. Afinal o ferrete indelével não tinha sequer a consistência de uma casca de banana que se despega do fruto. *Bises à toi*, que desplante! Amarfanhado embebedei-me nessa noite como já não o fazia há muito tempo, uma bebedeira aparentemente alegre e jocosa no meio de alguns amigos de ocasião com quem me juntara ao sair para comer camarões e lagostas. E feliz na minha bebedeira, consegui jamais apagar de mim a sua imagem de elegante noiva numa igreja de França, sem chorar nem morrer. Apenas alegre de vinho, de uísque, mais tarde, pela noite fora, e depois enjoado, quando em um quarto de hora eu vomitei dez anos da minha primeira juventude, antes de cair na cama, levado aos ombros pelos meus camaradas de revolução, que, nem por momentos, souberam ter a seu lado um homem que morrera e parecia feliz.

Você teve a decência de, dois ou três dias depois do telegrama, me ter escrito uma carta com os pormenores dos preparativos do seu casamento, e, pasme-se, convidando-me amavelmente para o evento. Era um convite implícito para continuarmos amigos, mas naquele momento eu não podia apreciar devidamente a graça de ter escolhido uma *péniche* para o cocktail pós-cerimónia. A coisa passaria despercebida se eu não me lembrasse do aperitivo que você me oferecera no *pont soleil* da Evasion, numa admirável tarde quente de outubro de 1968, ainda os ecos revolucionários do maio desse ano não se tinham dissipado inteiramente. Isso marcara o início da nossa relação e você queria agora frisar que a mesma teria agora de terminar, e com a mesma beleza circundante, a mesma Torre Eiffel a presidir aos nossos destinos, empoleirada lá do alto esguio dos seus ferros, a mesma Notre Dame a abençoar-nos a solidão em braços distintos, você nos de um

simpático jornalista italiano com bigode e patilhas, tão revolucionário como eu fora nos meus dias, mas mais prático nas relações humanas; eu cingido nos meus próprios braços, como aliás estive na vida a maior parte do tempo. Era também, provavelmente, uma homenagem, talvez um pouco cínica, ao meu gosto pelos barcos do Sena, quem o poderia julgar? A sua mistura de candura, sinceridade, boa vontade e estupidez roçava por vezes o incrível. Para um espírito liberal como eu me julgava então, tudo isto podia passar por brincadeiras mais ou menos afectuosas, mas eu estava apaixonado, e tudo o que não fosse trazer de volta a sua horrível pessoa me fazia sofrer terrivelmente.

Claro que não fui ao seu casamento, mas no dia do evento passei o dia e a noite a imaginar-lhe todos os pormenores. Não é que o desejasse, mas era-me impossível evitar as imagens do que se estaria passando a uns três mil quilómetros do meu pequeno apartamento ao Castelo de São Jorge. Vi-a portanto ajoelhar-se nos degraus do altar de uma pequena e anódina igrejinha algures perto do Sena, jurar amor eterno ao seu italiano, e depois virem todos, noivos, padrinhos e convidados num cortejo alegre até ao cais de Javel Bas, junto à ponte de Mirabeau, onde o *Bateau Albatros* os esperava para o alegre e informal *cocktail*. Sempre pensei que, com o seu incrível humor, escolheria a *Péniche L'Équité* para a sua despedida de solteira e boa rapariga, a igualdade sendo um dos seus ícones de “femme de gauche”. Mas não, teria de ser o Albatros, teria de me mergulhar, nem que fosse à distância, no espírito líquido e sagrado, profundamente místico, do meu poema favorito de Coleridge. Quantas vezes lhe recitara essa obra-prima da culpa sem remissão e do remorso sem culpa formada, o poema *Rime of the Ancient Mariner*, nos poentes alvacentos do sótão da Rua Cujas onde, se não tínhamos discutido muito essa tarde, fazíamos amor, vigiados por uma fresta da clarabóia pelo céu cinzento desse outono mágico. Perdê-la significou para mim perder para sempre o mundo mágico da adolescência. Foi perder Paris que afinal eu amava, e todos os seus ícones: a música do belga Jacques Brel e do bem francês George Brassens, como a da Piaf, naturalmente, da Piaf

que no entanto nunca consegui igualar à da nossa Amália Rodrigues (de novo comparar duas incomparáveis) haveriam de suavizar-lhe a perda, em instantes de nostalgia mais aguda, mas o brilho do encantamento puro não voltaria mais. Que eu já tivesse idade para ser pai, guerreiro, marido e revolucionário de barba cerrada e cenho franzido e duro, quando afinal verificava com horror não passar de um adolescente serôdio era coisa que nunca me afligiu nem envergonhou. Nem a minha inteligência conseguia decifrar o enigma da sua menoridade, de modo que caí numa grave e severa melancolia, seguida de uma verdadeira depressão.

No meu *delirium tremens* eu até via os cimos das montanhas que se avistam para os lados de Sintra coloridas de anil e espuma. Eu via a presença do Adamastor enorme desenhar—se no céu estrangeiro que cobria a sua cabeça velada de renda e pensava na água e no raio de sol que jamais nos banhariam juntos. E compreendi que afinal o que eu procurava tão ansiosamente no coração duma revolução não era mais nada senão o placebo para as minhas frustrações de homem e não era nela nem em nada que não fosse a minha própria vida que residia o segredo daquilo que eu buscava e que era nem mais nem menos a felicidade impossível. Desiludido com a banalidade das minhas angústias revolucionárias, entrei em mim mesmo, fechei-me em casa, cerrei as janelas e deitei—me a dormir profundamente. A Revolução para mim tinha terminado. Eu era apenas o burguesinho que você sempre tinha adivinhado em mim, nada tinha de heroico nem revolucionário, uma vez que para mim a felicidade nunca poderia estar numa revolução, mas apenas em mim mesmo, se é que alguma vez eu poderia atingir essa plenitude, se é que alguma vez eu mereceria essa paz. Seguiram-se meses de mais procura, uma procura febril, mas essa febre era apenas a ilusão de uma mente doente de amor traído.

Um dia cansado de tanta procura em vão, de tanto ruído de viaturas inútil, de tanta gente hostil, de tanta casa erguendo—se desafiadora para um céu chocho e sem brilho nenhum, subi os dezasseis andares de um hotel, disposto a dali lançar-me abaixo. O motorista

de taxi bem que me avisou da poluição da atmosfera, poluídos andávamos nós e o tempo estava cada vez mais cinza. Meti-me pois no elevador daquele hotel de luxo, que era enorme e muito frio, e no espelho lá estava o meu carão medonho olhando tristemente para mim dizendo-me coisas que já não conseguia ouvir. O que eu via era o tempo, o tal tempo sem significado, que não anda nem desanda, preso às folhas da minha infância mas desligado pelo acontecer posterior, pela guerra e pela morte, pela estupidificação consentida e provocada pelas aulas na universidade (a que assistira de lenço no nariz, que o cheiro a tédio sufocava, o tempo angélico dos seus suspiros agora que, em vez de falar a fornico, ou a fornico falando, falando, perdoe-me, querida amiga, mas deixe-me que fale fornicando, assim, olhos nos olhos, presos através do escuro no não sei quê. Obrigado, muito gentil da sua parte. Não, não costumo lavar-me imediatamente a seguir ao coito, detesto a vista das toalhinhas pequenas, prefiro tomar banho quando me for embora.

Falava-lhe há pouco do meu suicídio frustrado do alto de um hotel de luxo. Pois ali estava eu, dezasseis andares acima do solo, estaca de ossos, sem sangue no abdômen, sem cor no rosto que um espelho indiferente e frio reflectia por entre as folhas artificiais de um enorme vaso de magnólias de pano encerado que alguém se lembrara de colocar numa coluna de ferro verde a um canto do elevador, presumivelmente para decoração dúbia do recinto escurecido, subindo num maquinismo que um botão pusera em marcha a meu comando. Ía-me matar porque me voltara a doença da descrença e a horrível depressão que a acompanha, eu que me perdera de novo, eu a procura vã da razão para uma existência sem objectivo aparente, eu triste e até com alguma fome. Maquinalmente as mãos do meu cadáver um pouco atrasado enfiaram-se nos bolsos das calças do cadáver ambulante em que me tornara a depressão, desta máscara acinzentada em que me tinha refugiado, e as mãos tornaram-se dentes afiados que me arranharam a pele com desespero. Eu, o eu que importa, insignificante no alto daquele prédio gigantesco, ia dar cabo de mim sem nunca ter

feito nada, nem sequer um grande pecado, ou mesmo um pequeno crime, eu inocente e no fundo assustado de tão grande altura e, agora debruçado no parapeito do terraço, cheio de vertigens. O que eu desejava, compreendi—o então, não era o aniquilamento mas apenas uma vida com mais horizonte. Não. O que eu deveria fazer era saltar para a rua, sim, mas não de forma brutal como antecipara, mas de mansinho, como quem respira. Iria andar de barco no rio, dormir a sesta à sombra das árvores no campo, ouvir música em todo o lado, amar todas mulheres possíveis e de preferência ao mesmo tempo para não perder oportunidades nenhuma, embriagar—me na noite, rir até partir as cordas vocais, escrever um poema com letras sangrentas, e sobretudo dormir tanto que, se alguma vez acordasse, tudo estaria alterado à minha volta. Só assim daria razão do tempo que me fora destinado, só assim seria justo que o meu coração batesse, só assim haveria motivo razoável para a angústia perdoável, só assim eu acabaria por justificar os meus olhos outrora tão puros de adolescente ingênuo contemplando as cores maravilhosas dum ocaso sobre o mar.

Enfim, bebamos o nosso chocolate, que há muito arrefece nas chávenas. Este café-restaurant não se chama então exactamente Café Du Départ? Há mesmo quem não lhe ponha acentos nenhuns, como você fez ao *à toi* do horrível telegrama com que anunciou o seu primeiro casamento, aquele que se realizou a um *dimange*. De facto a tabuleta original e o toldo vermelho o que rezam é um Le Depart Saint-Michel com muito menos graça do que a minha inocente corruptela. Não tão inocente como isso? Aí está você, como sempre a *chercher Le midi à catorze heures*. Quem não adora a sua velha língua francesa? Brindo realmente à vossa saúde, à sua e à da nossa querida França, o país donde veio o pai Henrique, o Conde que deu origem ao nosso querido Portugal. Que vivam ambos enquanto existem. Mas faz-se tarde, se ainda quer mostrar-me como preservou devidamente encaixilhada essa bela fotografia do tanque apinhado de rapaziada festejando o regresso à alegria da primavera. Enviei-lha juntamente com um cravo nesse já tão longínquo Abril de 1974. Fico feliz por

julgar ter-me reconhecido no moço gadelhudo da camisola amarela com enormes olheiras. Eu de facto pouco ou nada dormi no dia em que essa foto foi tirada mas, agora que a analiso com toda a atenção, verifico que afinal ouve aí uma troca qualquer, pois o rapaz na fotografia não sou eu, nem sequer alguma vez eu vestiria uma camisola amarela de gola alta em pleno mês de Abril. Desculpe se a desapontei, mas mais culpa teve você em concluir que só lhe poderia mandar uma foto se eu nela estivesse. Por quem me julga? Um narcisista? Nada disso, minha querida amiga. Juro-lhe que o cravo, o cravo, sim, esse é verdadeiro. Que ternura da sua parte em ter-lhe preservado a corola.

E aqui está, minha amiga, a razão por que me vê deitado de novo a seu lado, no aniversário desse dia bendito da Revolução dos Cravos, quarenta e um anos contados dia a dia, quarenta e um anos em que tudo foi envelhecendo, até nós, até a primavera. Hoje ainda mais descrente e desiludido do que dantes, mas resignado. E sabe, descobri que a resignação pode ser também uma espécie de esperança, uma esperança adulta, rejuvenescida. É pelo menos uma atitude de maturidade, como compreender que se cresceu e não é mais permitido acreditar no Pai Natal. Todas as revoluções humanas falham, mas têm que ser feitas.

Espero que o prazer que me deu tenha sido recíproco, querida amiga.